

Crítica // Cara-de-Barro ★★

Cara-de-Barro: um ator de carreira promissora tem a identidade jogada à lama



A dissolução do sucesso

Cara-de-Barro mostra um brilhante ator ver a vida escorrer pelas mãos, à medida que sua identidade é esfacelada neste novo filme que mescla terror e vilania no universo da DC

Ricardo Daehn

Sem muito carisma, mas com plausível tom de desespero, Tom Rhys Harries interpreta o vilão do título do Universo da DC, com uma ambígua chave de sofrimento. Sob efeitos, que, ao fim, resvalam para a lembrança de *Homem-Aranha 3* (com o vilão Sandman, de 2007), e a falta de acabamento dos primeiros exemplares da franquia *Quarteto Fantástico*, *Cara-de-Barro* investe na figura central de Matt Hagen.

Sob roteiro de Hossein Amini (*Boneco de Neve*, *Drive* e *Branca de Neve e o Caçador*) e Mike Flanagan (de *Doutor Sono*), Matt é um ator que despenca para o estrelato, mas que começa a perder tudo, diante da modificação abrupta de sua aparência. Decadente e tido como uma aberração, Matt sofrerá o castigo de embarcar na adúltera aventura com a aspirante a atriz Mia Torrez (a bela portuguesa Joana Ribeiro), pretendente do chefe do crime Markus Szabo (David Dencik).

Com produção de Peter Safran e James Gunn, o filme — que mescla características das versões dos anos 1960 e 1940 do protagonista — tem direção do inglês James Watkins (de *A mulher de preto*, de 2012). O design de produção é de James Price (dos exagerados visuais de *Pobres criaturas* e *Bugônia*), que novamente perde a mão. *Cara-de-Barro* a dado momento lembra *O homem sem sombra* (baseado em livro de H.G. Wells), quando desponta a personagem cientista de Naomi Ackie (de *I e Mickey 17*), Caitlyn Corr, vista como latente solução para o recortado rosto de Matt, e ainda, como um interesse romântico dele.

Namorada do agente de polícia de Gotham City John

Borrelli (Max Minghella), Caitlyn traz a carga de empatia, além de recursos de Inteligência Artificial e de nanomoléculas, que recupera o aturrido Matt. *Cara-de-Barro*, vale o alerta, tem cenas fortes de rosto derretido e de automutilação, junto com imagens perturbadoras, como a do avião em turbulência que dificulta o manejo de uma tesoura perto do olho do protagonista.

Grotesco e inquietante, como nas cenas das mutações inexplicáveis sofridas por Matt, durante uma noite de sono, *Cara-de-Barro* se esbalda num clima soturno, aos moldes do novo clássico *A substância*. A capacidade de regeneração de Matt avança para uso de recursos ridículos como

quando ele passa a contar com escamas cortantes nos braços. Também é vergonhosa a corrente de confusões empilhadas numa pista de dança de boate. No filme que trata indiretamente de codependência (há, inclusive, uma fusão de seres em cena), evidenciado ainda pelo uso de *If you leave me now*, na trilha sonora, o que bastante convence é o comportamento advindo em camadas e atropelos de Matt ao lado da “brutalmente sincera” Caitlyn. A premissa saborosa do ator que, na vida real, não consegue se expressar, se esvai pelo ralo, diante de alguns efeitos canhestros e por bizarras decisões na conclusão de algumas das sequências de ação.